



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Proprietária: Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Director e Editor: PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Vales de correio para Paço de Sousa — AVENÇA — QUINZENÁRIO

21 DE ABRIL DE 1956  
Ano XIII — N.º 317 — Preço 1\$00

## AQUI, LISBOA!

### Sexta-feira Santa.

Vem de longe este nosso jeito de procurar os nossos irmãos Pobres, neste dia de Paixão. Meditada no tugúrio, a Via-Sacra tem o primitivo sabor do Gólgota — Pai, porque me abandonaste? Tenho sede...

A sociedade abandonou à sua desdita os infelizes deste mundo civilizado, e é até nós que chega o seu grito de angústia — padre acuda-nos que nos vão pôr outra vez na rua!

De facto desde o dia 3 de Março que andava no ar a ameaça: «no dia primeiro de Abril vamos demolir as vossas barracas; que cada um se arranje como puder!»

E não têm mais descanso os cento e quatro chefes de família. Câmara, Governo Civil, Junta de Freguesia, Ministérios, Pároco, Deputados — a toda a parte eles vão e a todos procuram, na ânsia de suspender a ordem fatal. São três os representantes dos mil habitantes das latas em perigo. Todos sujos e remendados, poucos os querem receber. Eles metem medo. Mas são irmãos; têm mulher e filhos, alguns com dez pessoas a seu cargo. Palpita-lhes dentro do peito um coração angustiado.

Senti bem de perto essa sede de justiça naquela tarde de Sexta-feira Santa.

«Acuda-nos!»

O dia primeiro de Abril era o dia de Páscoa. Enquanto para todo mundo aquele dia seria de aleluia, para eles os sinos anunciadores da Ressurreição teriam o som de finados. Todos os dias de quem vive nas Curraleiras, são de finados...

Dali transitamos às cadeias da cidade. Também nela, há mártires, e pecadores obstinados e ladrões arrependidos e madalenas como no Calvário. Também ali se medita a Paixão do Senhor.

Em Tires estão as mães de gaiatos. Levamos-lhes os filhos para que os beijem e abracem. Há lágrimas nelas e neles.

Abre-se uma porta e vem ao nosso encontro uma centena de crianças filhas doutras madalenas. Apesar de bem alojadas e bem alimentadas ouve-se uma voz unânime: «Sr. Padre leve-nos mais você». Aquilo é muito

bom, mas é uma cadeia. As crianças querem liberdade. Que pena não serem elásticas as paredes do Tojal.

Visitamos outros irmãos em Monsanto. As portas abrem-se nos de par em par.

Os presos vêm até nós em ar confiante. O chefe tem coração de pai. Sente também as angústias dos que estão sob a sua guarda. Quereria remover a pedra do sepulcro, para libertar aquele milhar de homens, se eles fossem capazes da liberdade. Mas não. Eles não saberiam usar dela. Daí aquelas grades de ferro, e fossos e polícia armada.

No fundo e por detrás daquelas algemas está a culpa da sociedade, e da família e das instituições e das leis, que não souberam dar aos então pequeninos delinquentes e agora grandes criminosos, o carinho, a educação e o amparo de que necessitavam.

Ainda procurei outra cadeia, esta mais moderna. Queria chorar com um detido a quem morreu o pai, dias antes. Muitas dificuldades para que as portas se abrissem. Já uma vez me puseram na rua. Agora pu-

Cont. na página TRES

## UMA CARTA

«A grande novidade! O Snr. Padre X é agora encarregado do Bairro dos Pobres. E não só: o Prelado pô-lo a trabalhar para se gastar e consumir ao serviço dos Pobres. A causa deles está a tri-

unfar. A hora é deles. É a hora do Evangelho. O Senhor Padre X anda entusiasmado; já começou os passos da Via-Sacra a pedir ajuda aos homens do Governo. Já tem alguns entusiasmados. Anda a preparar o campo para deitar abaixo «as colunas do município». No Seminário os directores espirituais também nos preparam. O entusiasmo do ano passado ainda não morreu. Já apareceram até, sem sabermos uns dos outros, mais com a mesma ideia. A hora vai ser de maré cheia. Há-os ainda cabeças duras, mas graças a Deus parece não serem muitos.

O Senhor Padre X conta ir ao Porto ver Miragaia e se possível falar ao Pai Américo, mas de certo não pode estas férias.

Já outro dia estive com ela figada a ver se o Pai Américo era convidado a vir-nos falar. Tenho muitas esperanças. Temos tido este ano muita gente de fora a falar-nos e há agora mais o «grande motivo».

Para o lançamento da primeira pedra, se o houver, e na medida do possível, serão convidados de honra, e só, os pobres das redondezas do Seminário. Vai ser uma hora toda de louvor a Deus. Não se prevê quando se poderá começar

Cont. na página TRES

## Calvário

Mais 140\$ «com muita devoção». Sim. Nem se compreende outro sentimento. Ou é devoção ou não é nada. Mais 50\$00. Mais 50\$00 de Lisboa «com uma grande saudade». Mais 50\$00 de Lourenço Marques. Mais 1.000\$00 de Lisboa; «gostaria que fossem aplicados na compra de medicamentos». Sim. A sua «casita» pode vir a ser construída no recinto do Calvário. Mais 50\$00 de Proença-a-Nova. Mais o dobro do Porto. Mais 500\$00 de Lourenço Marques. Anda ali um senhor apaixonado; ainda bem não e ele aparece com a mesma quantia, a mesma letra, a mesma devoção. Deus o ajude. Mais 25\$00 de Vila Nova de Gaia. Mais 50\$00 de Casal delo. O dobro de Lisboa. Outro tanto de Vila Nova de Ourém. Pardelhas 20\$00. E mais nada.

## BARREDO

Doentes «perdidos» fazem a sua cura ao sol, sentados em caixotes uns, outros trazem de suas casas uma cadeira velha, ainda outros encostados e todos à espera do tostão que passa. O primeiro com quem falei, tinha juntado dois escudos; eram três da tarde!

De ali enfiámos pelos becos interiores, empurrados por uma multidão informe e confusa, «venha ver o mortinho». Foi necessário subir por uns degraus sumamente íngremes. Antes de o fazer exitei. São os anos... Era um quarto. O «mortinho» estava sobre um caixote, coberto de farrapos. Na cama, ao pé da mãe, estava outra criança. Gémeos.

Precisava-se de dinheiro para o caixão. Um dos presentes propunha-se sair para a rua. É

assim o Barredo. Conhecemos o Barredo. As necessidades de uns são compartilhadas activamente por outros. Cuidei que estávamos diante de uma grande soma de dinheiro e arrisco a pergunta. «Não, padre. Uma coisinha barata. Um pausinho». E ficou por ali a subscrição.

Aquela hora foi muito extensa. Iamos dispostos a perder a tarde. Mundo de coisas novas num quadro antigo; sim, porquanto há mais de um século que nos Arcos da Ribeira se gasta a vida assim.

Era tarde quando nos retiramos com aquele «mortinho» no peito e o pedido da mãe; «se tendes dinheiro pró caixão ide buscar alguma coisinha pra eu comer». Tinha outro filho encostado ao peito. Barredo,

terra de santos, terra de heróis, terra de mártires!

De ali fomos ter com os vicentinos das carrejonas, reunidos em uma conferência do mercado da fruta, ao Infante. Falamos. O presidente põe o problema das crianças, que as mães trazem ao colo e ali acomodam em cestos vazios com palha dentro enquanto ajeitam as cargas. São muitas crianças, disseram. São muitos cestos. De verão, cobertas de moscas, vêm-se consumidas. Ali ao pé, continuam, são turistas a comprar fruta e ao largo, passam os negociantes da Bolsa. Remédio? Ora nós levávamos o remédio e dissemos. O infantário das Criaditas, sito no bairro de Miragaia, vai resolver o problema. Oiro e azul. Sopa no mel. Palavras doces que causam doçura.

## Setúbal

Acabamos de assistir e receber uma grande bênção que Deus mandou a esta Casa do Gaiato de Setúbal.

Quem olhar e quiser ver nas Casas do Gaiato somente casas de abrigo e de doutrina social, engana-se. O lema das nossas comunidades diz assim: «Santuário de Almas».

À volta da nossa casa de Setúbal é um deserto. E deserto ainda mais do espiritual, do que de seres vivos. À primeira vista dá-nos a impressão que estamos num sertão.

Tivemos agora mais uma ocasião de vermos e sentirmos como Deus quer servir-se das Casas do Gaiato para se manifestar aos homens, suas criaturas e que quer torná-los seus filhos. Ali à volta, a uma longa distância, não há nada que eleve o homem para o Alto: não há uma igreja, nem se avista uma ermida; não se encontram «Alminhas» nem se topa um cruzeiro. A vida daquela gente é puramente natural. Muitos irmãos nossos há que nem vida humana levam. Muitos e muitos nem sequer registados estão. Em muitos casos encontramos só vida animal.

A Casa do Gaiato é uma bênção. Já ouvi muitas vezes, tanto a pessoas de idade como novas: «se estas casas existissem quando eramos novos, era uma sorte para nós». Nunca souberam o que era escola, nem doutrina, nem nada.

E toda aquela boa gente que até agora ainda não tinha atinado com a nossa presença no meio deles, acorre agora com alegria e ansiedade a nossa casa. Deus está ali e eles vêm procurá-Lo.

Nos últimos dias realizou-se na nossa capela uma missão. Se nos contassem, não acreditávamos. O povo acorreu em peso. Todas as idades. Os doentinhos pediram a visita a casa. A doutrina à tarde era muito concorrida. Todos os dias à noite a nossa capela, que é espaçosa, ficava cheia para o terço e pregação. No domingo da festa foi uma multidão à missa da tarde. Muitos se baptizaram. Houve pais e filhos que se baptizaram e casaram. Muitas pessoas idosas fizeram a sua primeira comunhão. Deus manifestou-se. À noite fizemos uma procissão de velas em honra de

Cont. na página TRES

# COLISEU!

A nossa festa anual realiza-se no Coliseu do Porto  
**DIA 24 DE MAIO**  
Os bilhetes já estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda,  
Rua dos Clérigos 54; todos os dias nas bilheteiras do Coliseu

# COLISEU!

# PRESENÇA

Pouco a pouco vão-se sumindo os ecos das comemorações do duplo aniversário do Santo Padre. Porém, há lugares onde o silêncio corresponde àquela fase em que a semente morre para dar origem à planta nascida. Esses são os lugares onde se semeou.

No Porto, as festas em honra de Pio XII tiveram particular eloquência. É que as palavras proferidas foram a legenda de factos que se continuam e frutificam em outros factos que vão alargando o Reino da Justiça, que é o Reino da Paz exterior, consequente à Paz interior das almas em que Cristo habita, não sepultado, mas vivo.

Um bairro inaugurado, dois principiaados, outro começo: um centro social. É em todos estes actos, de alcance imediatamente terreno, a presença da Igreja na pessoa do Bispo, em uma das vezes, rodeado mesmo do seu Seminário Maior, para que os futuros padres saibam que aquilo também é vinda do Senhor! Ora, se a Igreja preparou estes actos de alcance «imediatamente» terre-

## CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

Segundo a opinião do Avelino, em desacordo com os meus cálculos, recebemos já, pouco menos de mil assinantes por meio da Campanha em marcha, entre os quais uma razoável percentagem de chamados «assinantes prováveis»... que geralmente desenvolvem.

É verdade que a «precisão» saiu há pouco e que para alguns mal houve tempo de reparar da caneta e «circular»; por afazeres ou por a ocasião não se ter proporcionado. Bem sabemos que não é tarefa fácil angariar assinantes. Exige paciência, sacrifício. Pois nós acreditamos e esperamos muito do sacrifício dos nossos leitores. Seja cada um propagandista da primeira linha. O mundo está à espera da Verdade. E qual a doutrina do «Gaiato»? Não fora a Verdade e jamais despertaria nas almas a inquietação; a doce inquietação do Evangelho.

Se o leitor é empregado de escritório, empregado comercial, operário, funcionário do Estado, patrão ou gerente de qualquer empresa, o seu colega de carteira, balcão, oficina, repartição, gerência ou conselho de administração, pode não ser assinante. Convença-o e inscreva-o. Na volta esperamos a «circular».

Lancemo-nos pois, na «Campanha dos cinquenta mil» e conquistemos todos os homens de boa vontade, para que seja mais conhecida a Causa dos Pobres e escutada a palavra de Cristo.

J. M.

COLISEU  
DIA 24 DE MAIO  
COLISEU

no, é que, para além do imediato, há neles interesses eternos. Aliás nada há de verdadeiramente humano que não seja afectado de um certo valor de eternidade. Infelizmente a linguagem confusa dos homens parece opôr humano ao sobrenatural e daí que muitos julguem este a eliminação daquele, quando o sobrenatural participado não é outra coisa que uma aliança muito íntima do Criador à criatura, do divino ao humano.

Este equívoco, enquanto no campo das palavras, menos importa. Torna-se, porém, inquietante, quando penetra nos conceitos, porquanto é germe de uma espiritualidade falsa, ressurreição de muitas que a história regista, para as quais o mundo material é resultado de um princípio mau.

Pior ainda: é que este perigo de heresia nem sequer resulta, na maioria dos casos, de uma posição intelectual. Antes porém de uma posição da vontade, inerte ou egoísta, que se desinteressa dos frustrados direitos alheios para fugir a trabalhos, ou, mais selvaticamente, se embriagar na satisfação das suas ambições.

Este o grande pecado da sociedade cristã; daquela fracção dela, bem instalada na vida, que jamais pensou ser discutível o seu acesso livre ao pão de cada dia e finge ignorar que multidões que chamam pai ao mesmo Pai Celeste vegetam à míngua, porque outros vivem ao excesso.

Aqui há já princípio de heresia, tanto mais, quanto mais hipocritamente se mascara de espiritual o mais vulgar egoísmo.

Sempre assim foi. O desequilíbrio dos filhos de Adão leva-os a desunir o que Deus fez, «porque viu que era bom».

Ora Deus fez o homem, cor-

po e alma. O corpo submetido à alma. As exigências do corpo cumpridas na direcção e sentido marcados pela alma. No princípio a subordinação foi pacífica. Depois do pecado tornou-se batalha incessante. É fácil os homens renderem-se ao corpo e negarem a alma. Como é fácil negarem o corpo os que pretendem exaltar a alma.

No meio, onde está a virtude, a Igreja diz-nos com suas palavras e obras a recta verdade, que era pacífica no princípio e se torna luta cruel depois, sem contudo mudar.

Só Ela sabe conciliar as aparentes oposições. Ela proscree a pobreza por fatalidade enquanto exalta a Pobreza por devoção. Ela diz que há pobreza demais por haver Pobreza de menos!

E que o equilíbrio reclamado pela Justiça se alcançará naquele dia em que se verificar a equivalência da Pobreza e da pobreza.

Em sua pastoral da Quaresma, Monsenhor Montini afirma que «não se pode tolerar a miséria numa sociedade cristã». Ele é uma voz autorizada da Igreja, presente ao homem-corpo, por amor da sua alma.

Quem, fora da Igreja, tem a palavra de senso e de verdade?

O Papa quer um mundo melhor, porque Deus o quer. Para tal «é preciso reconstruir desde os fundamentos; é necessário transformar de selvagem em humano, de humano em divino».

Se a primeira «étape» não está concluída, como ousamos passar à segunda?

Por isso, para alcançarmos mais depressa esta, que é a missão «imediatamente» da Igreja, Ela se empenha agora, no silêncio humilde onde se forja a vida, em actos de alcance «imediatamente» terreno, tornados, pela intenção sobrenatural trampolins da Eternidade.

Padre Carlos

## CHALES DE ORDINS

Tem-se aqui dito que não há melhor propagandista dos chales de Ordins, que eles próprios. Ora vejam: «recebi há dias, o chale branco, que tinha encomendado, e com o qual fiquei encantada.» É Lisboa que escreve. Resultado: quer mais um e paga cem. Outra vez a Capital com 100 para um de 90. Agora é Cernache: «muito agradecida pela encomenda que agradou imenso. Vou-me fazer propagandista e minha mãe também. a vossa causa merece e os chales igualmente». Um chale ganhou duas propagandistas. Não se pedia tanto. Santa Eulália um de 60. Porto um de 90. Avintes um de 110. Covilhã, idem com 120\$. Pedrógão Grande com 100 um de 90. Coimbra um médio. Lousã vem por outro dos pequenos, que antes tinha enviado 100\$ para um outro. Porto com 250\$ dois dos grandes. Espinho vem por mais um dos pequenos. Trancoso com 100 um de 90. Teixoso com 120 um de 110. Ilhavo, idem. «Que Deus coroe de êxito a bendita tarefa em que se

lançaram». A Ilha da Madeira aparece aqui com mais um de 60. Alcobaça com 100 um de 90. A propagandista de Vilar do Pinheiro, sempre incansável, quer 3 de 90 e manda 300\$. Castro Daire vem com 70 um de 60. «Tenciono fazer propaganda. E com a ajuda de Deus tenho fé que mais chales lhe hei-de vender». Olhão escreve: «li no «Gaiato» a obra dos chales e estou com interesse de os conhecer», e pede um grande e um médio. Porto um pequeno. Barroca Grande com 70 um de 60. Lisboa com 130 dois de 60. Açores com 120\$ um de 90. Carrizado de Montenegro um de 90. Terena, idem, com cem na mão.

Habituo-nos a esperar sempre o carteiro, e de caneta na mão. Às vezes, são uns poucos de registos. Todos os dias novas encomendas nos chégam. Alguns leitores, ao chegarem aqui, estão já com o propósito feito e, lida a última linha, não esperam mais. Tomam papel e escrevem-nos. Vão à estação postal e preenchem o impresso respectivo para vale, porque

# DOCTRINA

O homem é espírito. Ainda que deseje, não se furta aos anseios espirituais, espontâneos em sua natureza. Entrando em si, encontra-se imagem, sombra de um ser espiritual, ao qual está ligado, «religado» — um instinto próprio lho diz. Por isso, o homem é naturalmente religioso.

E, como ser racional que é, ele tem a curiosidade das causas. «Sentindo-se» um espírito, fruto de acção de outro espírito, procura o Ser de Quem teve a origem.

O homem que entra em si, aí encontra Deus.

Isto com todos os homens, qualquer que seja o grau da sua civilização, de tal modo esta busca em ordem a este encontro é natural ao homem.

Daí que a Teologia nos diga parecer impossível a existência de homens de boa fé, que, sem medo de errar se convençam de que não há Deus por esta persuasão. Estes homens chamar-se-iam ateus, ateus positivos, porquanto tendo-se-lhes posto o problema da existência d'Ele, tinham concluído pela negativa.

Porém, a existência de homens assim é mais teórica do que real. Podem as paixões, eclipsar a Verdade por algum tempo. Pode a vontade permanecer perversa para sempre. Mas, que um homem de «boa fé» não sinta em si, «durante toda a vida», o apelo de Deus — isso é contrário à natureza humana e, portanto, por regra, impossível de dar-se.

Há, pois, mais ateus que se dizem, do que homens que o são.

Todos recordam — e se não, vão reler — uma carta, publicada em fundo no número derradeiro. Trata-se de um rapaz de carácter, incapaz de abafar em si a respiração sadia da sua alma do homem perfeito. «Venho tentando endurecer a minha vida para triunfar e é evidente que nem uma coisa nem outra consigo. Será que triunfo e endurecimento são incompatíveis?»

São, sim senhor. Triunfo, autêntico porque perene, é o termo da expansão livre do amor. O homem é, porque Deus não conteve o seu amor na vida de relação das suas três Pessoas. Portanto, o amor é o motivo do homem, queira ele ou não queira. Amar o seu destino, a sua acção mais própria, a sua ambição mais profunda.

Como poderia triunfar o homem que traísse o seu destino?

Ainda que o endurecimento lhe conquistasse o mundo inteiro, o homem perder-se-ia a si mesmo sem poder jamais apagar da consciência a certeza dessa perda. Triunfar — como?

já sabem que, sem o vale postal, não devem pedir chales. Branca, rosa, azul celeste, bege, laranja, castanha, cinzenta, azul marinha e preta, eis as cores de momento. Indicar segunda cor, no caso da primeira se ter, entretanto, esgotado. Mandar toda a correspondência relativa a este assunto para a Conferência de S. Vicente de Paulo de Ordins — Paço de Sousa

Padre Aires

De resto, este rapaz bem sabe que foi mais feliz, mais triunfador nas lágrimas que «O Gaiato» conseguiu finalmente fazer-me chorar», do que em todas aquelas fugases vitórias que, por frustradas tentativas de endurecimento, algumas vezes julgou alcançar.

Eu interrompo aqui para dizer outra coisa que acontece a todo o homem, perfeitamente humano, que, depois de ter entrado em si e aí ter encontrado Deus, ouviu falar e conheceu de perto um Homem chamado Jesus Cristo e algo de Sua doutrina. O homem, perfeitamente humano, n'Ele encontra Deus. Pode não o dizer a si próprio nem aos outros, mas interiormente acredita-O. Senão vejamos: «... enviarei em breve o nome de dois novos assinantes. Eles pode ser que não paguem, ...mas vão sofrer convosco, e pode ser que um dia se vença a inércia que nos mantém inactivos.»

De quem é esta doutrina, que tem o sofrimento por uma comunhão de vida e por motor de fertilidade? Dos ateus? Mas os ateus, são homens negativos, são «homens sem...» o que de mais essencial e precioso o homem pode ter: Deus. Portanto, não têm doutrina: ou melhor, têm-na porque realmente se dizem mas não são ateus. A doutrina que sublima o sofrimento não por ele mesmo, mas como meio de aperfeiçoamento não é de mais ninguém senão de Cristo.

Este rapaz, que entrou em si e aí encontrou Deus e que ouviu falar de Cristo e Sua doutrina — se foi ou não por «O Gaiato» isso menos importa — pode chamar-se o que quiser, mas o seu pensamento é cristão.

E ele mesmo confirma que não é estoica a sua maneira de entender o valor do sofrimento: «Nem quero pensar que possa constituir conforto para mim, o facto de haver miséria mais miserável do que a minha».

E torna a mostrar que não é homem de negações quando afirma: «Talvez o bem que me faz ler «O Gaiato» venha, não da tristeza que lá se vê, mas da bondade por consequência.»

A «miséria mais miserável do que a minha» é terrível, sobretudo porque a grande intensidade dela, privando o homem do indispensável à vida animal, lhe rouba a disponibilidade para a vida espiritual. Tantos homens sem Deus, porque em verdade a sua miséria já os não conserva perfeitamente humanos!

Mas, quando ela não atinge tal grandeza, quando é dor que fere sem despedaçar, quantas vezes não é o sintoma por que se conhece que alguma coisa «se está a passar».

O sofrimento, em Cristo, é espada de dois gumes, sinal de contradição, como o próprio Cristo. O homem que entende assim e não se escandaliza e depois, pela dor, espera vencer a inércia, pode chamar-se o que quiser. Nós, porém, padres da rua, chamamos bendita a sua benção, porque a tomamos em nome do Senhor.

Padre Carlos

## Vistas de Dentro

Foi há pouco mais de um mês. Embora o tempo tenha mudado e as tardes vejam suor em quem trabalha ao sol, ainda se não esqueceu de todo o frio singular do finado inverno.

Pois foi então que senhor «Formiga» subia em frente ao balneário com um companheiro. Ambos tinham saído a recados e cada um trazia seu embrulho em sua mão enluvada. A outra vinha resguardada na algibeira.

Ora nós, que somos uma obra social e lutamos por dar mentalidade social, primeiro que a ninguém, aos nossos rapazes, temos aqui, em «Formiga» e companheiro, um vivo cartaz. E os homens, uma solução caseira e eficiente, em que se prova que não depende da muita abundância de recursos a satisfação das necessidades mais prementes das maiorias. Antes, o remédio de muitos males vem daquela boa vontade nascida do amor fraterno. Com que inteligência tão espontânea estes dois rapazes não resolveram sua necessidade! Dois embrulhos; duas mãos necessariamente ao tempo; outras duas fora de serviço; duas luvas; duas algibeiras. E os dois, olhando o problema comum como se de um só ele fora, realizaram na caridade que os une o aquecimento de dois pares de mãos com um só par de luvas.

x x x

A grande faina que ora decorre na nossa lavoura oficial é a sementeira de batatas.

Ora se eu digo oficial, é que há outras lavouras, a designar, já se vê, de particulares. Todos os cantinhos são aproveitados. É atrás do balneário; é aos lados da pedreira; e acima da lixeira; e sei lá em quantos mais, que até agora não vi.

Pois nas lavouras particulares o assunto é igualmente batatas. Ainda hoje dois dos da lenha me vieram pedir licença de instalação. Foram até os primeiros, porque as outras, além de particulares, são também clandestinas.

Daqui por uns meses começa o trabalho mais gostoso, por mór do qual se sofre agora o mais amargo. Então será a colheita. Os «lavradores» convidarão os amigos; «comprarão» os cozinheiros ou outros mais chegados à cozinha; a senhora «arderá», de boa ou má vontade, com azeite e umas postitas de bacalhau—e a história do caldo de pedra será uma vez mais.

Isto é todos os anos. Este, leva os mesmos jeitos... Eu cá não sou profeta!

x x x

As nossas Festas Pascas correram muito bem, louvado Deus!

Eu não quero ocupar os leitores na descrição. O Daniel o fará. Apenas quero dizer ao Pai Celeste, por Jesus Cristo, seu Filho e nosso Redentor, tomando a todos por testemunhas, o meu obrigado pelo envio do Seu espírito, que naqueles Dias, sobre todos santos,

pairou tão sensivelmente sobre nós, que O manifestámos na unanimidade do bom espírito por todos realizado.

«Este é o dia que o Senhor fez.» E, compreendendo-o, de verdade «nós não alegamos e exultamos nele».

Este bom ambiente não tirou em nada à nossa vida aquele ar risonho, simples e sincero, tão do conhecimento dos leitores. Houve muitas peripécias com seu quê de caricatas. A maior das que eu vi, foi a apanha dos galos para o almoço da Páscoa. Eu não conheço as touradas à corda da Ilha Terceira senão por descrições. Mas não as imagino mais vivas do que foi esta corrida dos três cozinheiros atrás da criação.

No domingo a Cruz foi beijada em cada casa pela respectiva comunidade. Houve enfeites, flores, verdura...

E também não faltou o estoivo de um Judas, após a Missa da Ressurreição.

Padre Carlos

## AQUI, LISBOA!

(Cont. da página UM)

de balbuciar apenas umas palavras diante do carcereiro. Razão: «você não está dentro da nova política prisional». Cadeia moderna... Dou-lhes toda a razão. Só conheço a política do Pai Nosso, que nos ensina a repartir o pão de cada dia, a perdoar as injúrias, a livrar do mal os que estão em perigo de cair nele, numa palavra: a procurar o Reino de Deus e a Sua Justiça. Daí a lamentar a «misericórdia dos homens», de que me falava há dias com tanta mágoa um ex-Ministro da Justiça, ex-Juiz do Supremo Tribunal da Justiça. «Pai, perdoai-lhes!»...

P. S.

Domingo de Páscoa!

Soubemos agora que o grito de angústia dos homens da Quinta da Argolinha e do Pinheiro tinha sido ouvido na Calçada da Estrela e que de lá emanaram instruções para que o problema fosse estudado com humanidade.

Nas igrejas da cidade que se nos abriram, tivemos ocasião de colocar diante da consciência dos católicos, a responsabilidade de lhes cabe na solução dos problemas sociais. Nos seminários dito da responsabilidade do clero presente e futuro, e denotamos um crescente interesse que há-de produzir fruto a seu tempo.

Bendito seja Deus por tudo. Parece-me que não foram perdidos estes oito anos de Via-Dolorosa por estas calçadas de Lisboa. Por isso, se tiver de partir, levo a consciência tranquila. Governo, Imprensa, Instituições, Clero e Povo estão interessados e inteirados. Até à volta!

Padre Adriano

## AGORA

Temos aqui a Alda da Beira com mais uma prestação de 500\$. Logo atrás segue Tavira com 50\$. É raro, mesmo muito raro, aparecer por aqui gente do Algarve. Só uma vez por festa! Uma outra prestação de Coimbra; são 1.000\$. Vai aqui «uma tripeira» com 50\$. E também o do «Plano Decenal» com os 100\$ do costume. Mais um tripeiro com 1.000\$. Ora queiram dar lugar:

«Passa no próximo dia 7 o oitavo aniversário do falecimento da minha sempre lembrada mulher que, por mais de 50 anos, partilhou comigo de todas as dores e alegrias que passaram pelo nosso lar. Em comemoração desta dolorosa data desejo dotar o «Património dos Pobres» com uma casa geminada, destinada a habitação de duas famílias. Para isso incluo um cheque de 24 contos.

À semelhança do que pedi para as duas casas anteriores, solicito que nesta nova moradia seja afixada uma placa com

MÁRIO-LAURA

nomes de meu filho e de minha nora, cuja vida conjugal, pela recíproca dedicação, e pela sua virtude, bem merecem que essa habitação seja colocada sob a invocação de S. João dos Bem-casados.

E assim três gerações de minha família, representadas por três casais modelares — Pais, Filhos e Netos — ficarão vinculadas à obra.

Agradeço sinceramente a V. Ex.cia ter-me procurado ensejo e colaborar, modestamente, nesta moderna cruzada.»

Amor de família e amor de Deus andaram sempre de mãos dadas. Amar os dois o mesmo é que amar um único Senhor. Note-se aquele «agradeço» termo proporcionado ensejo de colaborar.» Isto é uma interpretação autêntica do alto sentido da obra do Património. Quiseramos nós que a Igreja assim a tenha compreendido e difundido, uma vez que à Igreja entregamos. Mais atenção. Queiram-se arrumar. Aqui vai:

«A nossa Casa Comercial foi fundada em Março de 1920, há portanto trinta e seis anos.

Para comemorar esta data e ainda em sufrágio dos sócios e Colaboradores falecidos, incluímos o cheque s/ o Banco Espírito Santo de Esc. 12.000\$.

Gostávamos que, se fosse possível, fosse construída nesta cidade e esperamos com a ajuda de Deus, continuar nos próximos anos a contribuir para o Património dos Pobres.»

A casa comercial em questão é Cruz, Sousa & Barbosa Limitada, a qual deseja repetir a contribuição todos os anos. Todos nós sabemos que os homens não costumam pensar da mesma forma sobre um mesmo assunto e até, quando se trata de dar, as opiniões são mais divergentes. Todos nós sabemos isso. Não fora assim e as firmas comerciais do Porto podiam tomar à sua conta e remediar os indigentes da cida-



Rio Maior com a inauguração desta começaram-se mais; assim como esta foi começada com a inauguração de outras, e assim até às 20 delas.

## Notícias da Conferência da nossa Aldeia

### A Páscoa e os Pobres

Com a maior solenidade — leiam a desenvolvida crónica do Daniel — realizaram-se entre nós as cerimónias da Semana Santa. Como nota de realce destacamos a colaboração dos Pobres. Fizemos deles os convidados de honra, representando no «Lava-pés» os doze discípulos. Muito nos comoveu este acto do Mestre pelo elevado espírito de humildade demonstrado antes da Última Ceia. Que Acto! Só de Jesus. Depois da missa oferecemos um jantar aos Pobres a que assistiram a Madrinha dos Gaiatos e o Snr. Dr. Avelino Soares. Não somos capazes de reproduzir o que foram esses preciosos momentos de acentuadíssimo espírito cristão. A ordem, a alegria, a solidariedade para com os Pobres, o ambiente de elevada espiritualidade, teve um precioso remate nas perfurantes palavras do Senhor Doutor Avelino, que ouvimos em profundo silêncio e registamos na alma.

Já no fim da ceia distribuiu-se o costumado «folar» aos Pobres, recebido com muita alegria.

O que recebemos — Do amigo e cliente da Tipografia, Ezequiel Pinto, 15\$00. E mais Manuel da Silva Nunes, 11\$50. Aurélio Gomes Freitas, «50\$ para que Deus conceda uma graça por intermédio do Santo Padre Cruz». Senhora A. F. os costumados 20\$. Metade de um assinante «em honra de S. José.» Atensão África! Vila Mariano Machado segue com 50\$00. A nossa estimada subscritora de Alquerubim: «como sempre atrazada envia 60\$00 dos meses de Janeiro, Fevereiro e Março.» Assinante 30.712, de Lisboa, 20\$00 «para os Pobres no domingo de Páscoa.» Assinante 23.986, 50\$00. Espinho manda 10\$00, «para a Conferência dos rapazes.» Assinante 16.102, do Porto, 100\$00. Gondomar, 10\$00. Laura Costa, o dobro. Assinante 6.653, idem. Mais África! Luanda, assinante 12.156, 50\$00. E para finalizar, Argoncilhe com 20\$00. A todos como de costume os nossos melhores agradecimentos e a certeza de que Deus paga cem por um a vossa generosidade para com os Pobres.

Júlio Mendes

de, com sua casinha a cada um por intermédio do Património. Podiam sim senhor.

## SETUBAL

(Cont. da página UM)

Nossa Senhora. Percorremos os arredores onde há habitações. Todos colaboraram. A cada passo víamos lágrimas nos olhos de muita gente. Muitas luzes e muitas flores. Muita ordem e muito respeito. Muita devoção e amor.

Ainda há pouco e já dentro da Quaresma, passávamos à noite por uma povoação importante e chocou-nos intensamente uma simulação de um funeral religioso. No meio de muitas tochas acesas ia um homem qualquer com hábitos dum sacerdote e logo uma espécie de esquife. A seguir iam pessoas a gritar. Depois seguia muita gente em algazarra. Pareceu-nos tão mal tudo aquilo! No tempo da Quaresma! Simulação dum funeral! Os funerais que nos merecem tanto respeito! O ridicularizar as coisas sagradas! Um dos nossos pequenitos que ia comigo disse espontaneamente: «Olha que esta gente ó pois não vai pró Céu não; vão mas é pró inferno». Oh sentença saída da boca dum criança!... E isto não aconteceu muito longe de nós.

Se Deus quiser, o povo dos arredores da nossa Casa não há-de chegar a tanto.

Tanto é obra de misericórdia ensinar os ignorantes, como dar de comer a quem tem fome. Que Deus seja louvado.

Padre Horácio

## UMA CARTA

(Cont. da página UM)

pois depende tudo ainda da cediência do terreno.

Reze por esta intenção. Reze sobretudo para que o maior bem seja para as nossas almas. As casas dos Pobres são um reclame do Evangelho, mas de nada nos aproveita se não O vivemos dentro da alma. Há muitos pregadores da palavra de Deus que não convertem ninguém, fazem só reclame. Nós precisamos de ser convertidos, de voltarmos todos os sentidos da nossa alma para a missão que nos cabe no Reino de Deus, que é também o Evangelho aos pobres. Pode ser esta a hora da graça para muitos. Reze.»

Esta carta não tem comentário. É de um seminarista teólogo. Nós sabemos quem ele é. Deus sabe-o infinitamente melhor. O mundo poderá nunca vir a conhecê-lo. Tanto melhor para ele, que sabe pela fé que o perfume da sua alma, tão amada de Deus, impregnará o mundo na razão inversa do seu apagamento.

Que Deus o ajude e conserve. Que a hora seja de «maré cheia» e «os cabeças duras, que graças a Deus parece não serem muitos», abram os olhos, para mostrarem depois aos outros homens, «per visibilia invisibilia».

Que «o lançamento da primeira pedra, se o houver», seja assistido apenas pelos «pobres das redondezas», sem solenidades mundanas, para que «a hora seja toda de louvor a Deus».

«Pode ser esta a hora da graça para muitos. Reze.»

Sim, rezaremos.

Padre Carlos

# Pelas Casas do Gaiato

## BEIRE

— Começamos a plantação da batata e já vamos quase no meio. Isto é trabalhar, mas trabalhar. Ainda não temos a sesta e o dia de trabalho acaba às 8 horas da tarde. Já temos apetite para a ceia e mais vontade para dormir.

— Tivemos cá em casa uma festa no dia 9, que foi o dia de anos do nosso Tonoco. Ele é um rapaz trabalhador. Esteve com sorte porque nós costumamos para avisar, escrever na folhinha do dia em que a gente faz anos. A Senhora que se tinha esquecido, mas teve de ir ao calendário e deu com isto: «Faz hoje anos o Marreco». Então é que foi. Ao jantar teve um prato que até nos fazia crescer água na boca. Mas para todos nós chega o dia, principalmente para mim que sou a seguir.

— Outro dia grande na freguesia e em nossa casa foi o dia de Páscoa. Houve uma música e tapetes com flores. Muitos foguetes. Foi uma alegria. No nosso pátio também havia um tapete de flores e cotizámo-nos para comprar os foguetes pois não queríamos ficar mal porque era a primeira vez que se recebia o Compasso nesta casa. O Caminha foi buscá-los a Irivo e o Sr. juiz da cruz também nos eferceu mais.

Todos são nossos amigos. O senhor Abade levou o Américo para tocar a campainha durante o resto do dia, a todos comunicava que era gaiato e o mais pequenino. Todos lhe davam amêndoas e à noite ainda chegou com os bolsos cheios e não se fartava de dizer coisas.

— A nossa capela já está pronta mas sem ninguém. Estamos mortinhos que se faça a inauguração para que o Pai Américo venha para a nossa beira. Uma aventura do nosso Zéquita. Foi-nos levar a merenda ao campo e viu o Bartolo com o tractor que andava a transportar pedra e logo pôs no chão o tabuleiro, sentou-se no tractor e quando já estava de novo ao pé do tabuleiro não fez cerimónias, atirou-se abaixo com o tractor em andamento. Já se sabe, braço magoado, galos na cabeça e arranhadas na cara, mas o homem que não se queixou. Calou-se muito caladinho e vamos a ver se ele aprende.

Vou dar aos nossos leitores a notícia mais alegre que até hoje dei que foi um leitor que ouviu o meu grito pelo nosso pobre da cabana e mandou 100\$. Eu peço desculpa aos senhores por ter dito que ninguém lia as minhas crónicas. E dou graças ao Pai do Céu por o Famoso fazer vir a este pobre uma esmola como nunca teve. Vai-se comprar camisolas, ceroulas e roupas de cama. Já se levanta e diz que foi o nosso leite que o pôs em pé. Daqui a pouco vamos vê-lo subir as nossas escadas e sentar-se à nossa mesa a comer uma tigela de sopa e o que houver.

SERAFIM EMANUEL

## LAR DO PORTO

### Conferência

Voltando novamente a este cantinho, queremos desde já dizer aos nossos leitores, benfeitores e amigos, de que a nossa conferência não morreu, mas sim continua em bom ritmo, a amparar cada vez mais os necessitados, ampliando o número deles. Esta observação vem a propósito da ausência de notícias, isto para darmos lugar a que as outras nossas casas desenvolvam a sua tese e não venham duma só vez cinco ou seis a falar do mesmo assunto. Mas a verdade é que esta medida tem-nos acarretado um completo esquecimento por parte dos nossos benfeitores, pois apenas «Uma Maria», salvo erro de Braga, e um outro anónimo, têm accorrido às nossas despesas, o que é muito pouco, se levamos em conta que temos a despesa mensal de 1.000\$00.

Ora queremos aqui frisar que a conferência não morreu, nem morrerá, porque os pobres precisam de nós. Ai se não fomos nós, que seria de muitos deles?

Apesar da míngua de donativos, nós temos-lhe dado a esmola, amparando-os nas suas desditas, nas necessidades, nas suas aflições e aumentado também, como disse, o número deles. Visitamos

agora mais uma família, em S. Victor, composta por oito pessoas, sendo seis delas tuberculosas! Quatro crianças de tenra idade e os pais! Uma calamidade! Vivem num sótão por esmola, uma coisa verdadeiramente acanhadíssima, pois apenas cabem e mal, duas camas, e para metermos uma afim de separarmos as crianças não contaminadas(?) não vemos sítio onde colocá-las. Ele sapateiro, ela mulher a dias, estão proibidos do médico de fazer qualquer esforço, de trabalhar!

Quem ganha o pão para aquela gente toda? O homem continua por conseguinte sobre a sua banca de sapateiro e ela aos dias, afim de mitigarem a sua e a fome daquelas criancinhas.

Os Sanatórios por insuficientes, não podem na hora presente albergar estas criancinhas e os seus pais.

Para aonde irá esta família que acabei de citar? Como são incertos os seus passos; como se aproximam do Infinito! A miséria leva-lhes tudo, inclusive a vida!

A nossa cruzada do ano que findou deu uma receita e uma despesa de 21.141\$50! Não é muito mas é alguma coisa se repararmos que esta verba alcançada, representa muitas canseiras, muitos trabalhos, e é produto da generosidade de alguns benfeitores.

Ora os muitos poucos fazem muito e se todos unidos trabalhássemos pelo mesmo ideal, certamente reduziríamos a metade a miséria daqueles que nos procuram. Assim, animado por este desejo, apelo para uma acção vicentina colectiva e levanto a minha voz para a seguinte campanha:

Eu tenho o meu Pobre!  
Seja vicentino! Tenha o seu pobre!  
Delegue um de nós ou visite conosco o seu pobre!

É verdade! Cada um com uma cota mínima de 50\$00 mensais (10\$00 por semana), seria o protector de determinado Pobre. Iria conosco ou delegava um de nós para que visitássemos esse pobre e lhe dêssemos a sua esmola. Ficaria a ser o pobre do senhor fulano e nas nossas crónicas lhe dariamos conta da acção desenvolvida junto do «seu pobre». Assim, se cada um quisesse, quantas famílias, quantas misérias nós diminuiríamos. 10\$00 por semana, uns cigarros a menos que se fumam, uma sessão de cinema a menos. Vamos a isso?

Espero no próximo número escrever os nomes dos primeiros inscritos na campanha: EU TENHO O MEU POBRE.

E para não ser mais maçador já basta. A uma «Maria» e aos poucos mais sinceros amigos que se não têm esquecido de nós, um muito obrigado e que Deus os ajude.

Carlos Veloso da Rocha

—Recebemos pela terceira vez em nossa casa o «Compasso». Chegou cerca das 7 horas. Beijamos o Senhor que resuscitou ao terceiro dia. Aquela que morreu por amor dos homens; inocente, mas que nunca mais torna a morrer.

Ainda sobre a nossa Comunhão Pascal temos a agradecer aos jocistas do Bonfim, pela maneira como nos receberam. Fomos convidados a almoçar junto deles no fim da missa. O almoço foi fraternal e correu da melhor maneira. O Manuel Henrique foi ocupar o lugar na mesa principal, em representação da casa. No fim do almoço houve concertina e fados pelos amigos jocistas que deram largas à sua alegria. Enfim, foi uma manhã de confraternização que mais nos ligou a estes amigos jocistas.

—Festejamos há dias os anos da senhora do nosso Lar que correu muito bem. Oferecemos-lhe uma lembrança e ela muito gostou. Os de Paço de Sousa não ficaram atrás e também ofereceram. O mesmo sucedeu com o Carlos Veloso ex-gaiato e pai de família, que também ofereceu uma prenda. Este acto foi muito aplaudido pelos seus antigos colegas. No final falou a senhora que estava muito comovida e um pouco doente agradecendo as nossas pequenas lembranças que para ela representavam muito.

—Envio daqui os meus sentimentos de pesar ao meu querido patrão, Sr. Dr. Francisco A. Ribeiro Spínola pela morte de seu pai.

JOÃO LUCIANO

## Venda do jornal no Porto

Todos os quinze dias o Sr. Padre Carlos vai levar os vendedores ao Porto, que saem de Paço de Sousa às seis e meia da manhã e chegam ao Porto às sete e meia. Os rapazes tocam à campainha e José vem abrir a porta e quem entra em primeiro lugar é o Sr. Padre Carlos que vai abrir imediatamente o escritório para distribuir os jornais. Depois vamos tomar o pequeno almoço e depois de estar tudo pronto vamos à nossa vida.

Uns vão para a praça, outros vão para os Clérigos, outros para a Batalha, outros para a Avenida dos Aliados etc., etc..

Chegamos à noite e damos contas.

Depois vamos comer e rezar o nosso terço que é o principal e assim passamos o dia. Ao domingo vamos para as portas das igrejas onde ali se passa a manhã. Vão seis rapazes para fora, que são: *Areosa, Carlitos, Banana, Secundino, Brasileiro e Ramada*. O primeiro vai para Aveiro, o segundo vai para Barcelos, o terceiro para Braga, o quarto para Viana, o quinto para Guimarães, o sexto para Espinho.

O Areosa, o Secundino, o Brasileiro, o Ramada vão sábado e eu e o Carlitos vamos domingo de manhã no combóio.

Sempre que vou vender a Braga uma senhora dá-me doces. Mas esta quinzena passada deu doces e amêndoas. No Porto, as meninas da Ateneia deram-me um cartucho de amêndoas. Agradeço às meninas e à senhora.

Queiram receber cumprimentos do amigo

Banana

## PAÇO DE SOUSA VISITA A AROUCA

— Foi no passado dia 8 de Abril que nos deslocamos à vila de Arouca, conforme tínhamos anunciado.

Saimos daqui depois do almoço, pela volta das 13.30. Seguimos caminho de S. Vicente, Entre os Rios, onde se vislumbra um belo panorama. Aqui cruzam os rios Tâmega e Douro, oferecendo-nos um aspecto que a vista nunca cansa de ver e contemplar estas maravilhas com que a Natureza nos presentia. Cada um dos rios citados tem por sobre si uma ponte, que deixam encantados os visitantes. Por sobre o Douro é muito grande, tem os pedregos de pedra e o tabuleiro de ferro, ligando Entre-os-Rios aos concelhos de Castelo de Paiva e Arouca. A Duarte Pacheco, saudoso ministro das Obras Públicas, de linhas sóbrias e imponentes, com um corte de pedra impecável. As suas pedras pequeninas fazem dela a rainha encantadora do Tâmega e uma das mais belas pontes de Portugal. Estende-se ao lugar do Torão e liga estas terras aos concelhos do Marco de Canavezes.

Daqui a pouco estávamos em Castelo de Paiva. Paramos. Visitamos as principais artérias e, por entre pitorescos morros e com a estrada descrevendo curvas em série, chegamos à vila de Arouca, que domina um largo e extenso vale. Eram três e meia, horas, portanto de nos irmos equipar, fomos para o balneário, para, daqui a pouco, no campo municipal, defrontarmos a categoria de honra do Ginásio Clube de Arouca. O campo apresenta um aspecto bastante agradável, com a gente que veio para presenciar este encontro.

### Ginásio Clube de Arouca... 0

### G. D. da Casa do Gaiato... 2

Apresentamos a constituição: Brito; J. Pereira, Augusto e L. Carvalho; Daniel e Pinheiro; M. Cerqueira, Alcino, Carlos Inácio, Rui Seixas e Banana.

O jogo começa em toada rápida, com o G. D. Casa do Gaiato comandando as operações e impondo o seu jogo. O Ginásio por seu turno reagiu e conseguiu disfrutar de algumas ocasiões de bom futebol, mas o nosso grupo manteve sempre a calma necessária e dominou muito bem estas ocasiões de domínio do grupo da terra. Passado que foi isto, e depois de ter saído Freitas do nosso adversário, que se ressentiu duma lesão já antiga num joelho, o nosso grupo tornou-se senhor da situação, dominando técnica e taticamente.

Este êxito de vencermos em Arouca deve-se à disposição táctica adoptada,

## A NOSSA PÁScoa

Resultaram com êxito as festas pascaais na nossa cidade-zinha.

Depois de três dias de pregação por um Senhor Padre amigo, seguiram-se as confissões na quarta-feira Santa.

O dia da quinta-feira Maior começou com toda a normalidade. Depois dos trabalhos, dum dia de vida operária, viam-se procurar sapatos, roupas domingueiras, os maiores faziam a barba, vestiam-se como em dia de festa, que na verdade o era.

Seis e meia, ou sejam, 18 e

tendo na defesa e meia defesa os seus maiores trunfos, que foram jogados na ocasião oportuna. Vencemos por duas bolas sem resposta e mais teriam sido se não houvesse precipitação na nossa linha avançada, onde se perderam oportunidades flagrantes de golo. Bastava que Rui e Carlos Inácio tivessem um pouco mais de calma e nós teríamos trazido para Paço de Sousa uma ampla vitória, que premiaria assim a equipa que mais certa esteve no rectângulo de jogo e que se exibiu com autoridade, não se deixando impressionar com o ambiente estranho. Foi, sem ser bruto, mesmo longe disso, um jogo bastante ríspido. Todos lutaram sem tréguas não virando nunca a cara à luta. Permitam-me até que diga que todos, vencedores e vencidos, puseram o coração na luta e esta foi quente e emotiva. O Ginásio abusou da bola alta, pois eram de maior compleição atlética, mas quando o nosso grupo urdia jogadas rente ao solo era notória a dificuldade do nosso digno adversário, em quem visivelmente se notava desmorte e organização deficiente. No segundo tempo era evidente a perturbação do Ginásio e o cansaço, vindo então ao de cima a melhor preparação física do G. D. Casa do Gaiato, que se sentia como peixe dentro da água. Apenas os seus avançados acusavam desgaste, sendo mais notado em Rui e Carlos Inácio e ligeiramente no médio Daniel, que tinha tarefa bastante esgotante.

Depois fomos fazer a nossa festa. Casa à pinha e o espectáculo começou. Eram dez horas da noite. Primeiro veio à cena o drama em três actos «O Filho Pródigo». Não nos saiu bem como era para desejar mas razões de ordem vária contribuíram para que assim fosse. Uma delas foi a de termos de substituir, com poucos dias de antecedência, alguns artistas que por motivos que não é preciso enumerar, não puderam estar presentes nesta festa que viemos realizar em Arouca. E estes eram imprescindíveis, para que a nossa festa fosse mais brilhante, mas mesmo assim o público gostou e aplaudiu. «O Filho Pródigo» teve a seguinte interpretação:

D. João — Augusto Barroso; Rui — A. Reis; Paulo — António Neto; Abade — Daniel Borges; João Timóteo — António Machado; Vasco — António Martins; Carriça — Alberto Ramada; Batista — Jorge Ferreira.

Seguiu-se depois a engraçada comédia, «O Limpa Chaminés», que saiu muito bem e da qual o público muito gostou. Ficamos todos muito contentes. Nós por representar e os senhores de Arouca por assistir. Nesta peça entraram: *Limpa Chaminés* — Augusto Barroso; *Conde* — Manuel Pinto; *Dr. Refontoura* — Daniel Borges; *Professor do Menino* — A. C. Ferreira; *Mordomo* — António Machado; *Criado* — A. Reis.

Perante o nosso contentamento, esta peça recebeu muitos aplausos. A seguir foi recitado o monólogo «O Zé Pacóvio» por D. B. S. e um interessante acto de variedades, colaborado pelos rapazes atrás citados.

A festa fechou com duas palavrinhas do Rev.º Pároco de Arouca, que agradeceu a presença de todos, pois era para um fim nobre a receita do teatro, assim como o foi também, o encontro de futebol, efectuado no Campo Municipal. Era para a construção de casas do «Património dos Pobres», fogo que alastra Portugal inteiro e que chegou também a Arouca. Que todos os habitantes desta laboriosa terra compreendam e sintam o problema da habitação que é o número um dos nossos tempos.

30 horas precisas, todos estavam em volta do cruzeiro da Capela.

Todos a postos, entramos para a capelinha, das coisas mais simples e mais bonitas que possuímos na aldeia.

No altar está o Senhor Padre Carlos ladeado pelo Rev.º Sr. Doutor Avelino Soares, que já pode ser considerado familiar, pelo amor que nos dedica e pela colaboração que constantemente nos presta. Ao fundo das escaditas, em círculo, quase como quem está em volta da lareira amiga, estão assistidos pelos dedicados confrades, com Júlio Mendes, os doze pobres da Conferência, em primeiro plano. Parte deles estão sentados, pois não podem doutro modo e mesmo assim têm de apoiar-se em bengalas ou guarda-chuvas.

Vai começar o Santo Sacrifício. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. No momento próprio, o celebrante, vem ajoelhar-se diante dos pobres e, um a um, foi-lhes lavando os pés. Cena emocionante.

Aproximou-se a Comunhão. A mesa está posta. É uma toalha alva, segura em mãos do Ramada e do Carlos. Em todos os semblantes se lê alegria e satisfação interior. Há cânticos, ambiente do Céu. Há festa.

Terminou o Santo Sacrifício da Missa. Agora estamos no Refeitório, transformado em Cenáculo. É a cópia mais fiel que podia apresentar-se. Mesas à volta, uma Cruz tosca, onde se lêem as palavras de S. Paulo: Cristo, por amor de nós, fez-se obediente até à morte e morte de cruz! No meio, a presidir, estavam os Pobres da nossa Conferência, que eram servidos pelo Sr. Dr. Avelino e uma família amiga do Porto, que nunca pode faltar a estas reuniões de carácter familiar. O jantar foi melhorado.

Que momentos alegres, cheios de Vida, estamos vivendo no nosso refeitório! Senhor Padre Carlos e os chefes, de avental ao peito, eram os felizes refeiteiros desta ceia que jamais se apagará da nossa memória. Havemos de a lembrar e vivê-la pela vida fora. Tenho a certeza que nos garantirá muitas vitórias contra o inimigo, sempre alerta, vigilante, pronto a lançar-nos as suas mãos aterradoras. Lembremos neste momento tão solene, o Pai Américo, que se encontra nos Açores por nossa causa e do irmão pobre.

Sexta-Feira Maior foi a Via-Sacra.

Sábado fomos à vizinha freguesia de Cête, para tomar parte na Vigília Pascal, que começou às dez horas com a bênção do Círio Pascal e culminou com a Missa, celebrada pelo Rev.º Pároco desta freguesia, cantada pelo povo da mesma e por parte do nosso orfeão.

No domingo tivemos a visita do Senhor. Entrou em todas as nossas casas que se encontravam engalanadas com colchas e flores.

DANIEL BORGES DA SILVA